



Capítulo 4

EM DEFESA DA BIODIVERSIDADE

FOTO: UM DOS MAIS BELOS ANIMAIS DA SERRA DO MAR,
A ONÇA-PARDA ESTÁ AMEAÇADA PELA FRAGMENTAÇÃO
DE SEU HABITAT



Quem sobe e desce a Serra do Mar, pelas bem cuidadas estradas que ligam o planalto ao litoral, observa a vasta e exuberante vegetação a perder de vista entre as montanhas, frequentemente mergulhada em uma densa neblina. A floresta tem um motivo para continuar conservada mesmo depois da complexa construção das rodovias e seus inúmeros túneis, viadutos e pontes. Trata-se da maior área de proteção integral da Mata Atlântica e parte fundamental e intocável do mais longo corredor contínuo de vegetação remanescente do bioma: o Parque Estadual da Serra do Mar (PESM).

O parque abrange do litoral norte de São Paulo – já na divisa de Ubatuba com o Rio de Janeiro – ao litoral sul, no município de Peruíbe. Alcança também o planalto paulista nos limites com o Grande ABC e o extremo sul da capital. É uma imensidão de mais de 3.200 km², composta por variadas formações de floresta ombrófila densa, manguezais e restingas. Uma das missões da reserva é recuperar e garantir a conectividade entre importantes formações florestais da Mata Atlântica da Região Sudeste do país.

▼ AS RUÍNAS DA VILA DE OPERÁRIOS DA USINA DE ITUTINGA RESISTEM AO TEMPO NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR





▲ O RABO-BRANCO-CANELA E O CARDEAL: VOO LIVRE NA REGIÃO DO PLANALTO DA SERRA DO MAR

A SERRA É A MAIOR ÁREA DE PROTEÇÃO INTEGRAL DA MATA ATLÂNTICA E PARTE INTOCÁVEL DO MAIS LONGO CORREDOR CONTÍNUO DE VEGETAÇÃO REMANESCENTE DO BIOMA: O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR.

As características da Serra do Mar contempladas no parque estadual garantem uma sucessão de habitats para as espécies de fauna e flora que ali vivem. Seu formato estendido alcança as latitudes de quase todo o estado, com variações climáticas, dos solos e de outros componentes físicos que formam ecossistemas diversos, e altitudes que variam do nível do mar a 1.200 metros. “Os ambientes protegidos pelo Parque Estadual da Serra do Mar, da praia até

a escarpa da montanha, formam os chamados gradientes ecológicos. Eles são importantíssimos para a especiação, que são as condições para que animais e plantas habitem áreas singulares. Com os gradientes, aumenta a diversidade de espécies, sobretudo vegetais”, explica Diego Hernandes, biólogo da diretoria de Unidades de Conservação do Litoral Norte, Baixada Santista, Vale do Paraíba e Mantiqueira, da Fundação Florestal do Estado de São Paulo.

Dentro dos limites do parque estadual estão nascentes, córregos e lagos das bacias hidrográficas dos rios Ribeira, Paraíba do Sul e Tietê. Eles precisam ser preservados não apenas pelo equilíbrio dos ecossistemas como para a segurança hídrica e energética dos 25 municípios paulistas abrangidos pela unidade de conservação, na região metropolitana de São Paulo, Baixada Santista, Vale do Paraíba e litoral norte.

Criado em 1977, o Parque Estadual da Serra do Mar foi a solução encontrada para enfrentar um cenário dramático. Nas décadas anteriores, o ímpeto humano avançava sobre a vegetação nativa em uma velocidade e intensidade nunca vistas. Nos anos 1940 e 1950, houve uma reestruturação do eixo rodoviário paulista, facilitando a ligação entre o litoral e o planalto. Essa infraestrutura, por sua vez, preparou

o terreno para o mercado imobiliário: a procura por casas de veraneio na costa paulista acabou reduzindo a cobertura florestal para dar lugar a condomínios e residências, encareceu os terrenos e empurrou a população mais vulnerável para as áreas de encosta. “Esses aglomerados urbanos têm um potencial muito desfavorável às áreas de vegetação nativa, porque descaracterizam os serviços ecossistêmicos e expõem as pessoas a riscos associados aos deslizamentos e inundações”, comenta o biólogo Diego Hernandes. “O parque preza pela manutenção do importantíssimo corredor de vegetação nativa entre os estados do Sudeste. Veio do resultado de um movimento ambientalista que se fortaleceu nos anos 1960 e 1970 celebrado juntamente a várias outras unidades de conservação, inclusive no extremo sul do Rio de Janeiro e norte do Paraná.”



▲ CAROLINA ESTÉFANO E ELAINE SANTOS, DA ECOLMEIA, E TIAGO BARRETO, DA FUNDAÇÃO ECO, INSTALAM UMA CÂMERA DE MONITORAMENTO DE ANIMAIS NA RESERVA SUVINIL



DEPOIMENTO
DE PATRÍCIA
RODRIGUES
SOBRE
PROJETOS
SOCIAIS DO
NÚCLEO
ITUTINGA-
-PILÕES

CRIADO EM 1977, O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR FOI A SOLUÇÃO ENCONTRADA PARA ENFRENTAR UM CENÁRIO DRAMÁTICO. NAS DÉCADAS ANTERIORES, O ÍMPETO HUMANO AVANÇAVA SOBRE A VEGETAÇÃO NATIVA EM UMA VELOCIDADE E INTENSIDADE NUNCA VISTAS.

A dimensão imensa exigiu a divisão do parque estadual em dez núcleos distintos para otimizar sua administração. Além dos benefícios para a sociedade como a manutenção da qualidade do ar, a regulação do clima e a estabilização das encostas, sua outra função como unidade de proteção integral envolve a preservação da flora, da fauna e das belezas naturais, a prática de atividades educacionais e recreativas, o desenvolvimento de pesquisas científicas e a valorização e inclusão das comunidades tradicionais. O parque também está aberto ao público, que pode mergulhar na floresta úmida, se aventurando por trilhas e cachoeiras, além de observar a biodiversidade.

► **PRÓXIMA PÁGINA: A SERRA DO MAR PAULISTA E A BACIA DO RIO GRANDE SÃO PAISAGENS IMPORTANTES PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A MANUTENÇÃO DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA**



▲ **SOB AS PONTES DA RODOVIA DOS IMIGRANTES, AS ÁGUAS BARRENTAS DO RIO CUBATÃO DEVIDO ÀS CHUVAS SEGUEM PARA O MAR**

Do litoral ao planalto



Fonte:
IBGE, 2019 (Base cartográfica)
MMA, 2018 (Unidades de Conservação)
FUNAI, 2019 (Territórios Indígenas)
Emplasa, 2002 (Região Metropolitana de São Paulo, Municípios)
World Topographic Map-ESRI, 2022 (Sistema de Informações Geográficas)

Sítio Curucutu, uma floresta particular

Uma nova modalidade de área protegida no Brasil foi criada em 1990: a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). Trata-se da fração significativa de propriedade privada que, por iniciativa do seu dono, se torna uma unidade de conservação por constatar nela a importância de sua biodiversidade, paisagem ou necessidade de recuperação. O objetivo desse tipo de reserva também é proteger o patrimônio ambiental, mas é permitido e oportuno o desenvolvimento de atividades científicas, culturais, educacionais, recreativas e de lazer. Essa categoria é extremamente relevante para a conservação da Mata Atlântica, visto que 70% dos seus remanescentes estão em áreas particulares.

“O primeiro pilar da RPPN é a perpetuidade, ou seja, o compromisso do proprietário em manter a área intocada para sempre e, se necessário, recuperar e regenerar sua vegetação”, explica Vera Roso, da RPPN Sítio Curucutu. “É uma satisfação saber que uma parte da propriedade rural será permanentemente dedicada à proteção da floresta nativa.”

A história da RPPN Sítio Curucutu começou nos anos 1970. Foi quando o advogado Jayme Vita Roso, pai de Vera, comprou um terreno de 81 hectares na Serra do Mar, na região de Parelheiros – extremo sul da cidade de São Paulo – e em parte de São Bernardo do Campo. Na época, a floresta estava praticamente dizimada



▲ ÁREA DA RPPN SÍTIO CURUCUTU: REFLORESTAMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ALTO DA SERRA



A RESERVA PARTICULAR DE PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN) É UMA FRAÇÃO SIGNIFICATIVA DE PROPRIEDADE PRIVADA QUE, POR INICIATIVA DO SEU DONO, SE TORNA UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO POR CONSTATAR NELA A IMPORTÂNCIA DE SUA BIODIVERSIDADE, PAISAGEM OU NECESSIDADE DE RECUPERAÇÃO.

◀ **BROMÉLIA-IMPERIAL: ESTIMA-SE QUE 70% DAS ESPÉCIES DE BROMÉLIA DO MUNDO SÃO ENCONTRADAS NA MATA ATLÂNTICA**

naquela região por ter sido ocupada por imigrantes italianos, nos anos 1910 e 1920, que exploravam madeira e carvão.

Jayme decidiu reflorestar o Sítio Curucutu em 1979. Tinha pouco conhecimento sobre restauração ambiental, então comprava as mudas que estivessem disponíveis no Horto Florestal, na capital paulista: pinheiros, eucaliptos e algumas plantas com propriedades farmacêuticas. Apesar de serem espécies não nativas da Mata Atlântica, ainda assim a floresta se regenerou com cerca de 50 espécies vegetais como o araçá e o cambuci. Aos poucos, a fauna retornou à região, acelerando o renascimento da mata nativa. “Nossas câmeras escondidas já

flagraram anta de monte, veado-catingueiro, veado-mateiro, tatu, gambá, irara, gato-mourisco, gato-do-mato, cachorro-do-mato. E o mais importante: uma onça-parda”, conta Vera. “É gostoso saber que podemos coexistir nesse mesmo espaço.”

O Sítio Curucutu tornou-se RPPN em dezembro de 1995, título concedido pelo Ibama para 11 hectares do total da propriedade. A partir daí, a família investiu em projetos de educação ambiental, especialmente com crianças das escolas do entorno. Na reserva, também, acontecem, frequentemente, solturas de animais silvestres machucados ou mesmo resgatados do tráfico indiscriminado, tratados pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo.



VÍDEO MOSTRA
A ESTRADA
DO PARQUE
CAMINHOS DO
MAR, O RANCHO
DA MAIORIDADE
E CUBATÃO





Mais próximo da região da Grande São Paulo está o Núcleo Itutinga-Pilões, localizado nos municípios litorâneos de Mongaguá, Praia Grande, São Vicente, Santos e Cubatão, abrangendo também o planalto de São Bernardo do Campo, Santo André, Mogi das Cruzes e extremo sul de São Paulo. Os rios Pilões, Cubatão e Passareúva cortam o núcleo que contribui para a conservação da qualidade dos cursos d'água que abastecem 80% da população da Baixada Santista e os mananciais da Represa Billings, fornecedora de água para boa parte da região metropolitana de São Paulo. A floresta, por sua vez, favorece o controle da poluição do ar dos centros urbanos que rodeiam a unidade.

◀ **PÁGINA ANTERIOR: VISTOS DO PARQUE CAMINHOS DO MAR, O POLO INDUSTRIAL DE CUBATÃO E A PLANÍCIE LITORÂNEA SURGEM AOS PÉS DA SERRA DO MAR**

▶ **PÁGINA AO LADO: O ALMA-DE-GATO, DA FAMÍLIA DOS CUCOS, TEM OLHOS AVERMELHADOS E UMA LONGA CAUDA**

Desde o portal de entrada do Núcleo Itutinga-Pilões já se pode observar o ambiente que ele conserva. É possível avistar indivíduos de araçari-poca, ave típica da Mata Atlântica, alimentando-se dos frutos do palmito-juçara, abundante no parque. Em meio às juçaras, quaresmeiras, guaricangas, figueiras, bromélias e orquídeas, convivem espécies como o tucano-do-bico-verde, o papagaio-da-cara-roxa, o sabiá-una, a jacutinga e a araponga, grandes felinos como a onça-pintada e a onça-parda, bandos de muriquis-do-sul e de macacos-prego, além dos importantes dispersores de sementes como a anta, a cutia e o cateto.

“Como moradora de Cubatão há 50 anos, ser hoje a gestora de uma unidade de conservação como o Núcleo Itutinga-Pilões é gratificante. Esse lugar já foi chamado de Vale da Morte e, hoje, é conhecido como Vale da Vida”, diz a advogada e ambientalista Patrícia Rodrigues, desde 2014 à frente da administração.



▲ **PATRÍCIA RODRIGUES, DO NÚCLEO ITUTINGA-PILÕES: OS RIOS QUE CORTAM A RESERVA ABASTECEM A BAIXADA SANTISTA**



DEPOIMENTO
DE PATRÍCIA
RODRIGUES
SOBRE A
RECUPERAÇÃO
AMBIENTAL DE
CUBATÃO

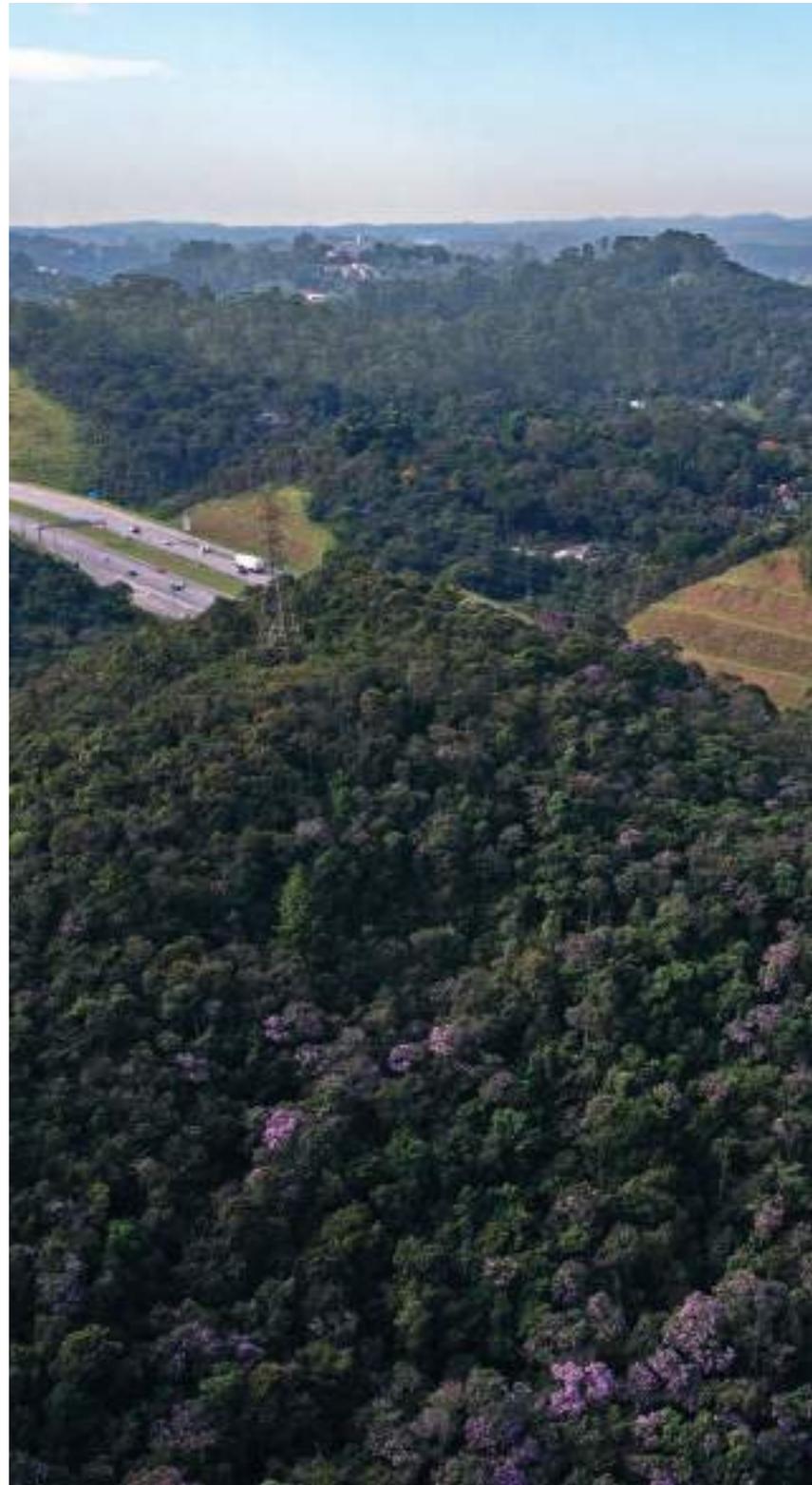






A vizinhança com centros urbanos e polos industriais faz do Itutinga-Pilões o núcleo mais pressionado do Parque Estadual da Serra do Mar (PESM). Antenas e linhas de transmissão, ferrovias, rodovias – empreendimentos construídos antes da criação da unidade de conservação – provocam distúrbios ao ecossistema e tornam a floresta mais vulnerável às invasões. O Programa de Regularização Socioambiental da Serra do Mar atuou na normalização fundiária de famílias que viviam em áreas de proteção ambiental da reserva. A maioria foi removida do parque e realocada em conjuntos habitacionais. Além disso, estão em andamento cinco projetos de geração de renda para a comunidade do entorno. Um deles é para a formação e capacitação de monitores de trilhas do parque estadual. “O trabalho da gestão é sempre árduo para manter uma fiscalização assídua a fim de coibir a criação de acessos à floresta protegida. Cada brecha que se abre dentro da unidade oferece novas oportunidades de invasão, extração ilegal de madeira e caça”, aponta Patrícia Rodrigues.

Ao longo da Serra do Mar, outras áreas também protegem os remanescentes da Mata Atlântica, sua biodiversidade e seus serviços ecossistêmicos. Contíguas ao PESM fundem-se as terras indígenas Boa Vista do Sertão do Promirim, Guarani do Aguapeú, Rio Branco do Itanhaém, Ribeirão Silveira, Tenondé Porã e Peruíbe; o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie) São Sebastião, o Quilombo Cambury e a Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. “Conservar todo esse trecho de Mata Atlântica é, entre outras coisas, proteger o ar que a gente respira”, diz a ambientalista Patrícia Rodrigues. “Temos diversos trabalhos de educação ambiental, principalmente com as escolas do entorno da unidade, para que os jovens se conscientizem da importância da conservação da floresta e ajudem a protegê-la.”



◀ **PÁGINA ANTERIOR: NA ESTRADA CAMINHOS DO MAR, EM CUBATÃO, O PONTILHÃO DA RAIZ DA SERRA FOI TOMBADO E FAZ PARTE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO PAÍS**

▲ **MATAS PRESERVADAS DA RESERVA SUVINIL, ÁREAS DE EUCALIPTO, O RODOANEL E A BILLINGS: DESENVOLVIMENTO E CONSERVAÇÃO NA PAISAGEM DO PLANALTO**



Uma conexão com a Mata Atlântica

A agropecuária é um dos principais fatores de pressão para as florestas brasileiras, sobretudo no entorno de unidades de conservação, conhecidas como zonas de amortecimento. Por isso, um programa de recuperação e proteção dos serviços do clima e da biodiversidade está investindo nos pequenos produtores rurais, os que mais fornecem alimentos para o cotidiano dos brasileiros: a Conexão Mata Atlântica, iniciativa criada, em 2017, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, em parceria com os governos de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

▼ PRODUTOR RURAL DA REGIÃO SUL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: ALIMENTOS PARA A MESA DOS PAULISTAS

O programa tem quatro objetivos principais. O primeiro é o pagamento por serviços ambientais a produtores ou proprietários que conservam a floresta nativa, recuperam áreas degradadas ou implementam práticas produtivas mais sustentáveis. O fornecimento de suporte técnico para que os produtores consigam fazer a transição para técnicas e tecnologias ecologicamente mais adequadas, além de auxílio para obterem certificações de boas práticas, representa o segundo objetivo. O terceiro consiste em estimular o desenvolvimento sustentável para que gere impacto socioeconômico nas comunidades locais. Esses três princípios convergem para um maior: a preservação de remanescentes da Mata Atlântica nos corredores ecológicos do Sudeste.





Até 2021, cerca de 1.300 produtores rurais do estado aderiram à iniciativa, com mais de 20 mil hectares de áreas manejadas por práticas de conservação de florestas nativas, restauração ecológica e conversão produtiva para sistemas agroflorestais ou silvipastoris.

“A Conexão Mata Atlântica é uma mudança de paradigma porque busca a proteção dos ambientes

▲ **ÁREAS DE CULTIVO EM MEIO À MATA ATLÂNTICA: PROPRIETÁRIOS DE TERRAS QUE PROTEGEM A FLORESTA RECEBEM BENEFÍCIOS**

naturais, não pela lógica da fiscalização e do controle, mas pela gestão sustentável de territórios protegidos, como unidades de conservação e suas zonas de amortecimento”, explica o biólogo Diego Hernandes, da Fundação Florestal, instituição que coordena a iniciativa em São Paulo. “O programa mostra para esses produtores o benefício financeiro de uma produção saudável, sustentável e moderna. É também uma ferramenta econômica para o aumento na produção e na comercialização dos frutos da Mata Atlântica, que representam na mesa do brasileiro toda a biodiversidade do bioma.”

UM REFÚGIO NO GRANDE ABC

Demarchi e Botujuru estão entre os bairros mais industrializados de São Bernardo do Campo. A expansão urbana acelerou na medida em que as indústrias foram se instalando nos arredores, a partir da década de 1950. Exatamente nessa região há um generoso trecho de floresta, próximo de um dos braços da represa Billings, que desempenha um papel fundamental na reconexão com a Mata Atlântica da Serra do Mar paulista: a Reserva Suvinil, que tem 30 hectares – equivalente a 30 campos de futebol – e ocupa metade da área do Complexo Industrial de Tintas e Vernizes da BASF. Fundada

em 1950, a indústria química que produz tintas preserva essa área protegida como resultado de seus compromissos ambientais.

Durante a acelerada urbanização e industrialização nos bairros da periferia de São Bernardo do Campo, desde meados do século 20, a BASF adquiriu lotes vizinhos ao complexo industrial com a intenção de manter os ambientes naturais. Encravada nos limites da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo, a Reserva Suvinil armazena mais de 5 mil toneladas de carbono em sua vegetação nativa e abriga também as nascentes do Córrego Ribeirão do Soldado, que deságua na Represa Billings.



▲ A SEDE DA FUNDAÇÃO ESPAÇO ECO ESTÁ INSTALADA AO LADO DA RESERVA SUVINIL



▲ **O BIÓLOGO TIAGO BARRETO, DA FUNDAÇÃO ESPAÇO ECO: TESTEMUNHA DA RECUPERAÇÃO DA BIODIVERSIDADE**



DEPOIMENTO DO BIÓLOGO TIAGO BARRETO SOBRE A REGENERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA NO PLANALTO

A mata nessa área de preservação remete à história da vegetação da Serra do Mar no período industrial. Nos anos 1970, havia muitas olarias na região, que queimavam madeira para a produção de energia na fabricação de tijolos e telhas de barro. Para isso, o local que no passado era ocupado pela Mata Atlântica deu lugar a plantações de eucalipto, espécie não nativa. Hoje, a reserva protege porções da floresta que, pouco a pouco, recuperam naturalmente suas características. “Do início ao meio da década de 1980, plantar eucalipto ou deixá-lo brotar passou a ser evitado. Isso permitiu 30 anos de regeneração da Mata Atlântica. Já se pode ver muitas árvores nativas, ervas, cipós e epífitas colonizando a floresta nativa com bromélias e orquídeas, o que torna esse um ambiente bastante interessante como habitat para diferentes espécies de fauna”, explica o biólogo Tiago Barreto, consultor em gestão para sustentabilidade da Fundação Espaço ECO, consultoria para sustentabilidade instituída e mantida pela BASF, em 2005.

A dimensão do valor biológico da reserva passou a ser compreendida apenas em 2020, com o início de um minucioso levantamento da sua biodiversidade. Em oito

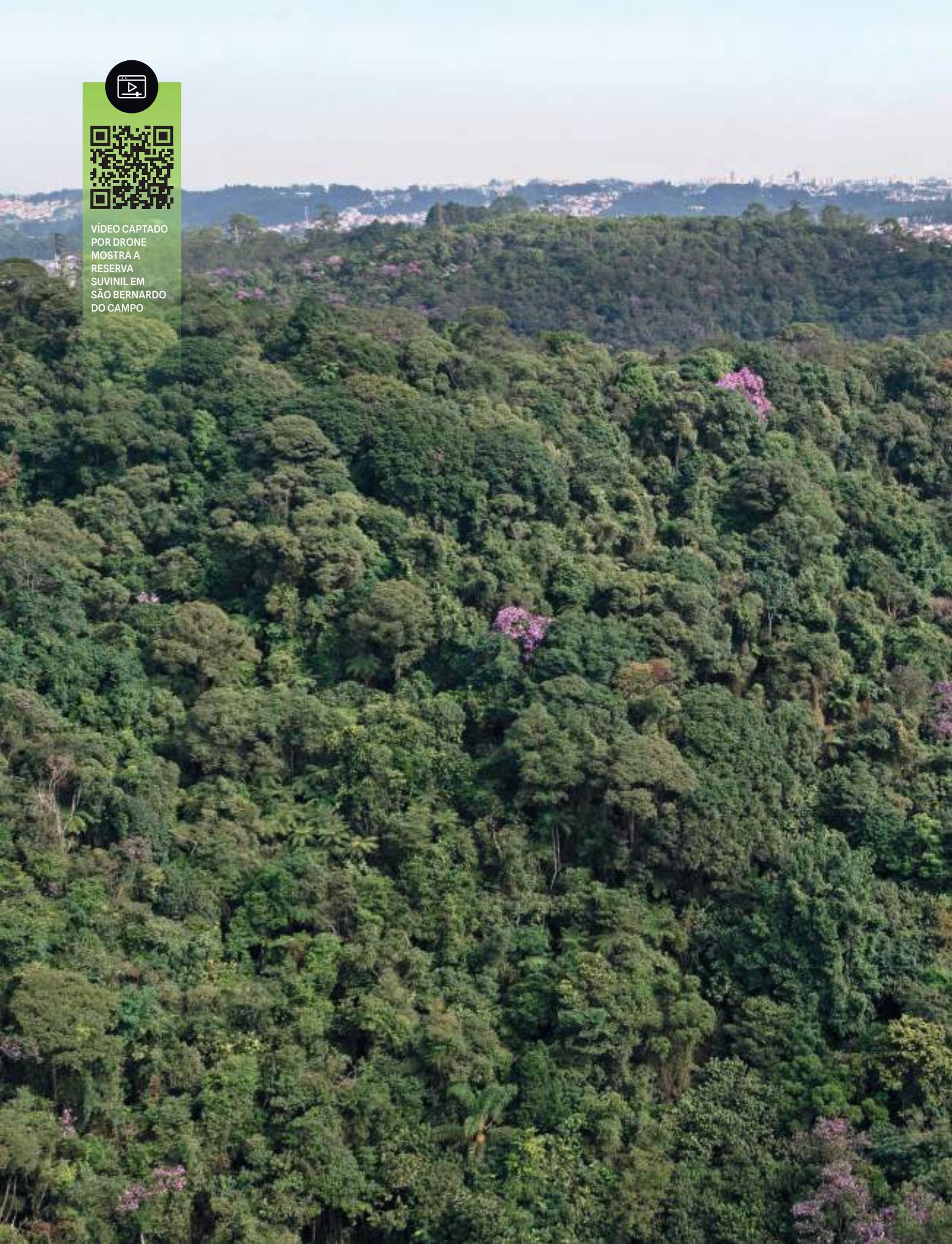
meses de trabalho, foram identificadas 176 espécies de planta, sendo 135 árvores, 41 ervas, além de algumas espécies de trepadeira e samambaia. Registraram também 85 espécies de ave, oito de mamífero, cinco de serpente e três lagartos, além de anfíbios e peixes.

“Os jacus são nossos amigos. Eles frequentam a sede da fundação para comer nossas goiabas, pitangas e as frutinhas dos palmitos. É interessante perceber o ciclo dessa ave – o acasalamento, os filhotes, seu ciclo de vida. Temos visto também vários tipos de pica-pau, tucano e papagaio, assim como o tangará-dançador e o araçari”, destaca Tiago Barreto. “Pelas câmeras de monitoramento já detectamos a presença de tatus, ouriços-cacheiros, algumas espécies de marsupial, cachorro-do-mato, veado, sagui e macaco-prego. Temos suspeitas de outras espécies.” O monitoramento continua, agora incrementado com uma armadilha fotográfica para registrar os animais que se hidratam em uma das nascentes do Córrego Ribeirão do Soldado.

▶ **PRÓXIMA PÁGINA: COM 30 HECTARES E 85 ESPÉCIES DE AVE, A RESERVA SUVINIL OCUPA METADE DA ÁREA DO COMPLEXO INDUSTRIAL DE TINTAS E VERNIZES DA BASF**



VÍDEO CAPTADO
POR DRONE
MOSTRA A
RESERVA
SUVINIL EM
SÃO BERNARDO
DO CAMPO





Pelo renascimento do Ribeirão do Soldado

O Ribeirão do Soldado marca a divisa entre os bairros Demarchi e Botujuru, em São Bernardo do Campo. O curso d'água que segue até a Billings fica nas proximidades de aglomerados urbanos e industriais, mas é pouco conhecido na cidade. Para dar mais visibilidade dentro da comunidade que o cerca, a Ecolmeia organizou o projeto de revitalização do ribeirão que corre ao longo da estrada de mesmo nome.

A iniciativa reuniu no Botujuru moradores da Chácara Porangaba, professores e estudantes universitários, colaboradores de empresas próximas e catadores de materiais recicláveis da Cooperativa Reluz. O projeto pretendeu resgatar e difundir

a história da região, desenvolvendo ações de conservação dos recursos hídricos e biodiversidade e também de empreendedorismo e geração de renda para os catadores.

Augustina Alvarez viveu na chácara da família, em um trecho rural às margens do Ribeirão do Soldado, de 1968 a 2010. “A gente via muitas garças que vinham se alimentar dos peixes. Também tinha enguia, aquele peixe que parece uma cobra. Hoje, a gente não vê isso, porque o ribeirão está totalmente assoreado por causa da pavimentação colocada para a manutenção da estrada e o crescimento no seu entorno”, conta Augustina, que integrou o Projeto Ribeirão do Soldado.

O projeto Índice Poluentes Hídricos, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (UMSCS), constatou que o índice de qualidade de água no Ribeirão do Soldado está abaixo do permitido pela legislação, com pontos bom e regular, além da presença de micro-organismos causadores de doenças, indicando o despejo de esgoto doméstico. “O sonho do meu pai era ver o ribeirão sempre limpo, no seu curso natural até se juntar às águas da Billings. Ainda não conseguimos a limpeza, mas vamos continuar cobrando os órgãos públicos”, garante Augustina.

O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO RESGATA A HISTÓRIA DA REGIÃO, COM AÇÕES DE CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS.

◀ **AUGUSTINA ALVAREZ: “O SONHO DO MEU PAI ERA VER O RIBEIRÃO SEMPRE LIMPO”**





AMEAÇAS NO PLANALTO E NA SERRA

A Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo é parte de uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) para incentivar a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável com a participação das populações locais. São os rios da serra, por exemplo, que garantem o abastecimento de água para a população da região metropolitana de São Paulo e do litoral.

No entanto, o Cinturão Verde enfrenta inúmeros desafios na conservação de seus ecossistemas. Entre os principais fatores de pressão estão grandes obras de infraestrutura, extração ilegal de recursos florestais, mineração, lixo urbano e especulação imobiliária. A demanda por moradia encarece o custo de vida em determinados locais e resulta na busca de populações mais vulneráveis por regiões mais baratas.

▲ **A URBANIZAÇÃO DESORDENADA AVANÇA SOBRE AS MARGENS DA BILLINGS, IMPACTA NA VEGETAÇÃO E COMPROMETE A QUALIDADE DA ÁGUA**

Essa urbanização desordenada avança, muitas vezes, para áreas de proteção permanente, parques e regiões de risco. “São Bernardo e Cubatão têm a característica de zonas urbanas que empurram e intensificam essa espacialização”, analisa Diego Hernandes, da Fundação Florestal. “Esse é um dos principais impactos humanos em termos de ocupação sobre a Serra do Mar: a expansão das ocupações de alta vulnerabilidade social, por causa do encarecimento da terra e do avanço da cidade sobre a vegetação nativa.” O biólogo Carlos Joly corrobora o mesmo ponto de vista. “A população de baixa renda tem ocupado áreas íngremes, sujeitas a deslizamentos de terra”, conta ele, com risco de morte em épocas de muitas chuvas, como visto em 2022, sobretudo na região serrana do Rio de Janeiro. Outros grandes impactos na vegetação surgem com obras de infraestrutura, como a abertura e a duplicação de estradas e a construção de oleodutos, avalia Joly. O professor da Unicamp destaca também a continuidade de antigas atividades ilegais na Serra do Mar, caso da extração seletiva de palmito, de plantas ornamentais e a caça.



1



2



3



4



5

1. TUCANUÇU; 2. JACUTINGA; 3. CUSPIDOR-MASCARADO;
4. GARÇAS; 5. PERIQUITO-VERDE; 6. BEIJA-FLOR-DE-PAPO-AZUL

